

AS MADEIRAS

N'este capitulo, ou seja a organisação dos serviços florestaes ultramarinos, é mais longo o rol da incuria e miserias nacionaes, dos desvarios administrativos, da imprevidente exploração, dos erros ruinosos, dos damnos propositaes e impunes, que mesclam toda a historia da agricultura colonial portugueza. Ainda ha pouco alguem contava que na fronteira da nossa India desnecessario era perguntar-se onde acabava o nosso dominio e principiava o inglez; o estado das mattas n'uma e n'outra accusavam ao estranho duas administrações profundamente diversas, bastando pois, como marcos raianos, a disposição dos arvoredos.

A teca, o pau preto e outras madeiras que em tempos idos constituiram uma das mais opulentas riquezas da India portugueza, todas as essencias que ainda hoje formam as extensas mattas de Damão e de Goa estão esquecidas entre nós, mercê do abandono em que as deixaram ha largos annos, sem cadastro, ao menos, sob uma legislação denciente, emmaranhada, inepta e obsoleta.

Quem quer pode, na India portugueza, derrubar arvores á sua escolha e em numero tão largo quanto pretenda, satisfazendo previamente um certo emolumento, e autorisando-se depois a destruir os repovoamentos novos ao conduzir para o seu destino as arvores abatidas. Certos povos são autorisados a fazer queimadas nas florestas, affim de obter terreno para a cultura de cereaes e legumes; ora o fogo não só consome os derrames dos arvoredos concedidos mas ainda muitos dos outros mais proximos, nos quinze dias, frequentemente, que dura a queima. E ainda como as areas das mattas nacionaes não estejam convenientemente demarcadas, as propriedades particulares vão, pouco a pouco, alargando, gratuitamente, é claro, para os possuidores das terras contiguas.

D'esta sorte, e já que em Macau e Timor se reproduz quasi o que fica relatado para a India, madeiras nossas como os varios tipos de sandalo, a jaqueira, o pau preto, o pau ferro, o pau canfora, o pau rosa, a mangueira, a teca, etc., são mal conhecidas entre nós e portanto, na marcenaria, raramente aproveitadas.

... mobiliario e construcções só utili-

mobiliario e construcções só utilizamos, a bem dizer, o que ha na metropole, o pinho, o castanho, agora em reduzida quantidade, a nogueira, o freixo, a cerejeira e poucas mais; ora como não basta para a marcenaria, um tão restricto numero de madeiras e pelos motivos sabidos, vemnos do Brazil o mogno, por via de Hamburgo, ordinariamente, e ainda o pau oleo, o pau preto e o vinhatico; o pinho de Riga e a nogueira da America, de Hamburgo e de Bremen; da França, o carvalho do norte; d'outras procedencias, emfim, a faia, a tuia, etc. São, pois, centenas de contos que pagamos em oiro por madeiras que, em parte, possuímos, ou então naturalmente substituíveis se bem conhecidas fossem as que existem nas possessões portuguezas do Oriente e ainda as que contamos em Africa.

Mas se nas nossas colonias da Asia e da Oceania o estado das mattas é o que se viu, nas provincias africanas o desamparo, d'um lado e por outro o desenvolvimento do valor e variedade das suas especies florestaes, avultam desmesuradamente.

Sendo certa a recente affirmacão do sr. Fortunato de Castro ácerca das madeiras de construcção de S. Tomé, as quaes, segundo elle, são boas mas não chegam para exportação, e mesmo, explorada convenientemente a industria florestal, pouco exito obteria em face das difficuldades de transporte que os accidentes de terreno originam, na Africa continental sobejam condições e elementos para uma vasta e rendosa exploração, sobretudo e depois que o caminho de ferro de Ambaca passa atravez dos maccissos mais fecundos e ricos da provincia de Angola.

Resumindo extremamente as informações dos naturalistas, unicas que merecem credito, nós possuímos: a mafumeira, arvore colossal e vistosa, de tronco recto e trabalho facil, na Guiné, em S. Tomé e Angola; a paco-bala, elevada, madeira amarella com reflexos assetinados, no Golungo-Alto; o bombôlo, alto fuste, copa dilatada, madeira leve, mas resistente, no Cazengo, em Pungo-Andongo, Malange, etc.; a muzumba, fornecedora d'uma linda madeira e tão rija que os negros do Golungo-Alto se servem de cavilhas feitas com ella, em vez do prego de ferro; a faenia, excellente qualidade de madeira avermelhada, de Angola; o mopane, de Bumbo e Lupata, duradoira e rija; a calalan, optima e das mais notaveis de Angola; o pau oleo, dos mais estimados e utilizados; o mangue branco, que fórma os grandes bosques do Dembo, de Cazengo e do Golungo, cuja madeira clara é muito resistente e densa; a mucamba, arvore das mais altas dos sertões de Angola e que produz uma das melhores madeiras conhecidas; a quibaba, da serra de Queta, do genero a que pertence o mogno, e cuja madeira é considerada de primeira ordem, etc.

Do que se carece entretanto, e em face

dem, etc.

De que se carece, entretanto, e em face d'uma tão ampla variedade de essencias florestaes, para que, lento e lento, substituamos, na quasi totalidade, as madeiras que importamos do estrangeiro? Tudo responde: de regulamentar as mattas, de organizar os cadastros, de realizar os necessarios ordenamentos, de reunir em campos de experiencia, em varias provincias nossas, as especies uteis que o agricultor precisa de conhecer, para individualmente, promover o desenvolvimento da cultura florestal; por fim, exposições frequentes, rapidez na satisfação dos pedidos e preços accessiveis. Eis aqui.

Porto.

ROCHA PEIXOTO.